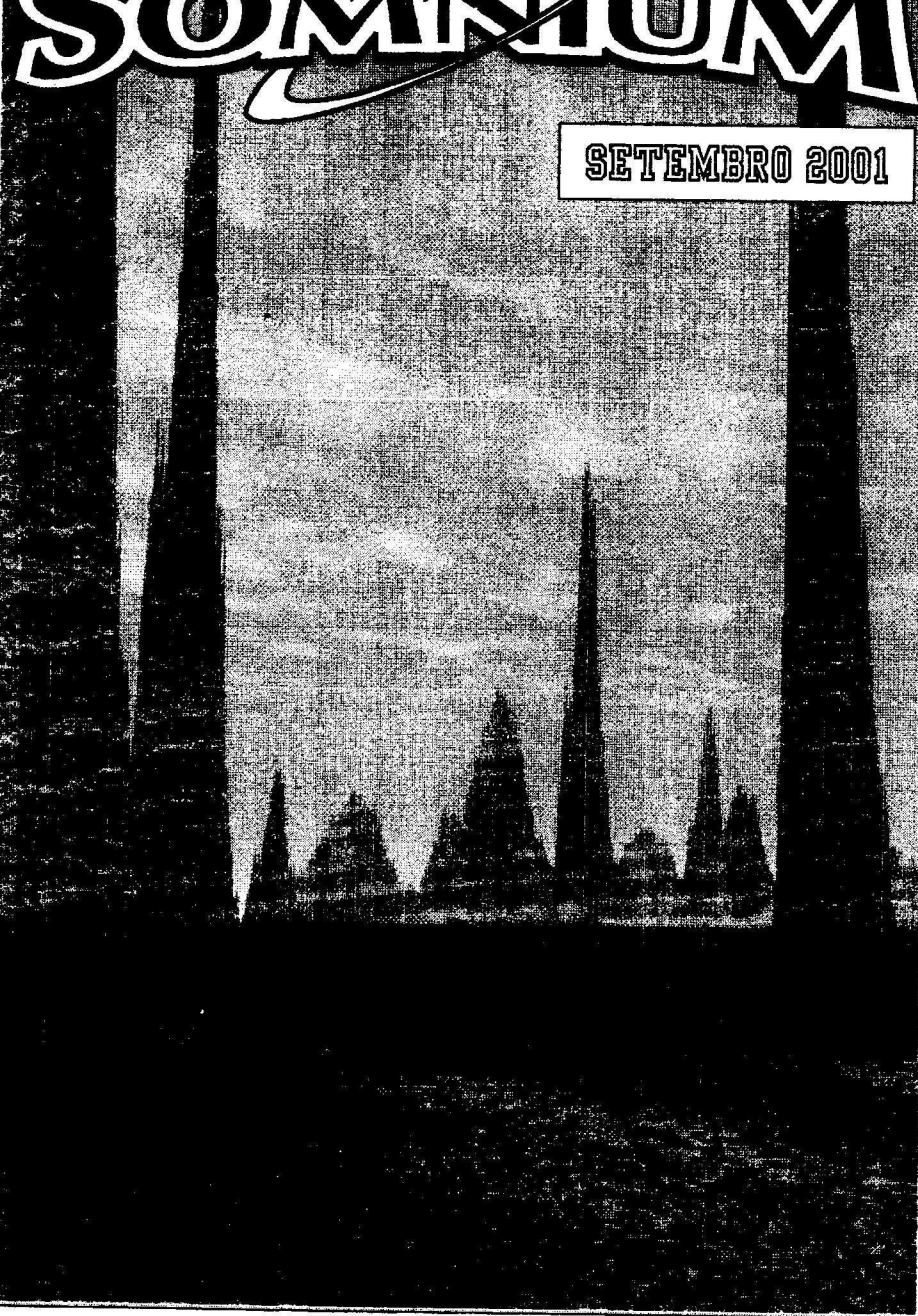


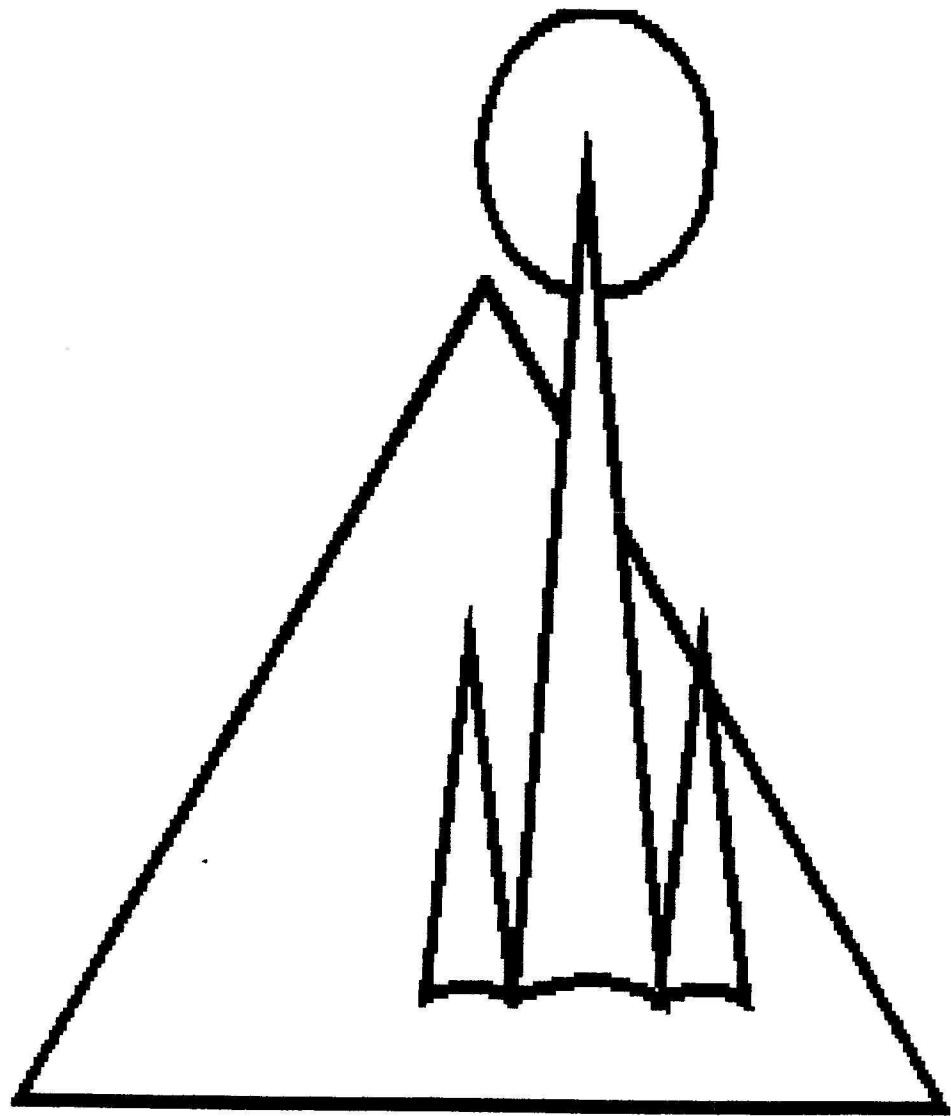
X

C.L.F.C.

X

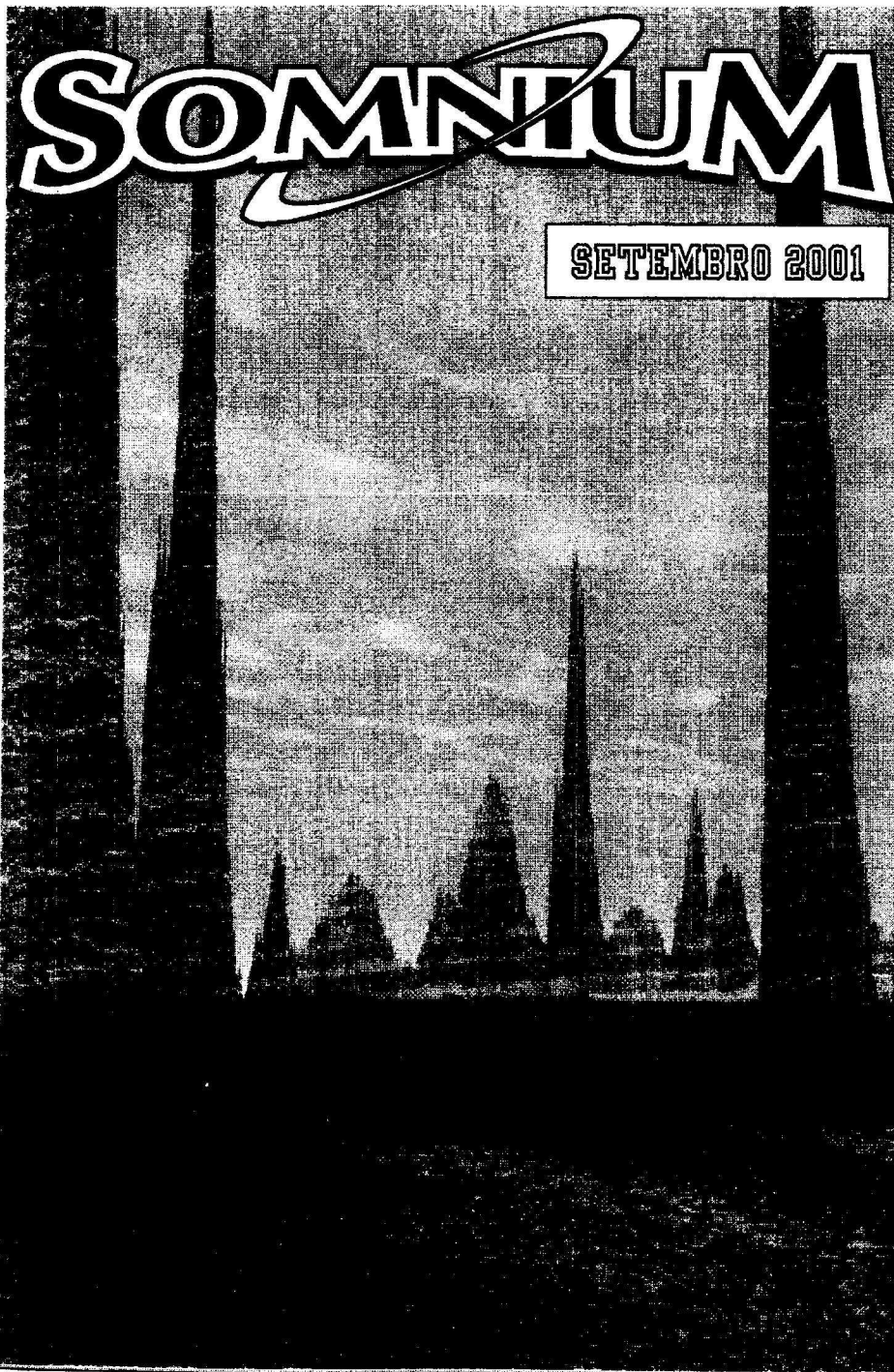
Somnium - 16





C.L.F.C.

Somnium - 16



SOMNIUM

Ano 15 No. 82

Revista Mensal do Clube de Leitores de Ficção Científica

- Notícias do fandom de FC, Fantasia e Horror
- Artigos
- Resenhas
- Contos
- Poemas
- Ensaios
- Ilustrações
- Mensagens dos sócios e leitores
- ...e o que mais pintar no computador do editor

Ataíde Tartari, Editor

Humberto Fimiani, Produtor Gráfico e Distribuidor

Contato com a editoria do *Somnium* pelo e-mail atartari@ig.com.br

O Clube pode ser contatado pela Caixa Postal 2105, Ag. Central, S.Paulo-SP, CEP 01060-970, e acessado em www.members.tripod.com/~CLFC

Presidente: Gerson Lodi-Ribeiro glodir@unisys.com.br

Votação Prorrogada

Está sendo prorrogado até 30 de setembro o prazo para entrega dos votos para as duas categorias do Prêmio Argos 2001.

Desta forma, os sócios paulistas e cariocas, poderão entregar seus votos em suas respectivas reuniões (a reunião de Sampa coincidirá com a assembléia da eleição).

Embora ainda tenhamos um mês pela frente, solicito que os sócios cogitem em mandar seus votos tão logo possível para evitar extravios e confusões de última hora.

Convém lembrar que o Argos é uma premiação patrocinada e bancada pelo CLFC e através do qual o Clube pretende atrair para si uma atenção positiva não apenas de nosso pequeno fandom, mas, sobretudo do vasto mundo exterior a nossas fronteiras exíguas. Portanto, mais do que importante, eu diria que a participação dos sócios é vital à consolidação do prêmio.

Conto com a participação de vocês.

—Presidente GLR

Saudável Rivalidade

Opinião de Ivo Heinz sobre as duas novas revistas de contos da FCB.

1) Dados Técnicos:

Quark: 68 páginas, formatinho, 5 contos num total de 41 páginas

Sci-Fi Contos: 52 páginas, tamanho A4, 2 contos num total de 23 páginas

2) Contos:
Quark:

- Orson Scott Card; bom como sempre, poético e com aqueles "pobres rapazes sonhadores" tão característicos do alter-ego do Card, apesar de achar muita coisa recorrente nas obras dele, nunca consegui achar nenhuma delas ruim, o cara tem um talento nato, 14 páginas

- Finísia Fideli; achei mais pra fantasia, muito curto, 1 página

- Jorge Luiz Calife: já publicado em 86, mas ainda assim boa história, 5 páginas, faz um pequeno cross-over com seu Universo do Padrões de Contato (a Corporação Norland)

- Roberto Causo: já publicado, muito curto, poético, 1 página

- Carlos Orsi Martinho: conto policialesco ambientado numa estação espacial, consegue segurar o suspense, estrutura à lá Conan Doyle, 15 páginas

Sci-Fi Contos:

- Fanfiction de Arquivo-X de Silvia Helena Penhalbel, 10 páginas

- Daniel Alvarez: 13 páginas, o conto é bom, idéia interessante, mas continua com o mesmo problema de outras obras, muita explicação e descrição em pouquíssimo espaço, às vezes pode ficar confuso; se quer seguir o estilo do David Brin dou todo o apoio, mas ele gasta mais páginas em descrições, que são geralmente feitas de forma mais lenta; se em contos isto é mais difícil ??? pode ser, mas aí é problema do autor e do editor, não do leitor

3) Matérias:

Quark:

- Space: Above and Beyond: matéria duma série

sofrível, não tinha nada melhor pra colocar não ????

- Tomb Raider: mais material da Indiana Jones de Saias

- Idiomas Artificiais: Atlantes, Klingons, etc... interessante

- Seção chamada Horizonte de Eventos, notícias sobre Convenções mundo afora: puxa vida, prum super-nacionalista como o Causo deve ser incrível noticiar Convenções na Eslováquia ou Romênia e não citar ABSOLUTAMENTE NADA, DE GRUPO NACIONAL NENHUM em 3 páginas. QUE PAPELÃO !!!!!!!

- matéria de Jeremias Moranu (alter-ego do Causo) sobre Neil Gaiman

Sci-Fi News Contos:

- entrevista / resenha com livro de Fantasia nacional

- notícias

- matéria sobre Isaac Asimov do Marcello Branco, adorei as ilustrações tiradas dos livros

- matéria de Arquivo-X e coluna da Silvia

- análise do fenômeno

Harry Potter

- resenha do livro O Caçador de Andróides, numa bela seção chamada Sebo, idéia interessante e resenha idem

- matéria comentando 6 lançamentos literários "lá na Corte" (como dizia o finado Paulo Francis), com destaque ao lançamento do Ataíde Tartari, Amazon; achei esta idéia original pruma revista

Ranking:

item 1: a Quark tem 60% de seu espaço alocado para contos, a Sci-Fi tem 44% mas possui tamanho maior em termos de área disponibilizada para contos (12.054 cm² contra 13.282,5 cm²); ganhou a Sci-Fi News Contos
item 2: a Quark ganha em número de Contos, e na qualidade dos mesmos; levou a melhor

item 3: a Quark perde feio neste quesito: não falou de nenhum grupo local, e nem teve o mix de matérias que a Sci-Fi News Contos apresentou; vitória em larga margem à Sci-Fi News Contos

Consideração Geral:

Fico extremamente preocupado em ver 2 revistas ao mesmo tempo no mercado, não acho que tenhamos público para as duas (puxa, como gostaria de estar errado desta vez) e a concorrência vai ser predatória, sem dúvida. Outro ponto é que não possuímos autores e material em quantidade e qualidade suficiente para as duas, lembrem-se que publicação de banca tem de ter nível acima dos fanzines pois o público será bem mais exigente. Talvez a idéia dos fanfictions da Sci-Fi seja acertada, pois amplia a base de leitores e potenciais escritores.

Nota do Editor: Creio que estamos a chorar de barriga cheia. Sim, de barriga cheia. Além de a competição ser (quase) sempre saudável, hoje temos um mercado de publicação de contos de FCB maior que nos anos dourados da Asimov e da GRD. Ou não temos?

Os Macacos de 2001

por Marcello Simão Branco

Fui conferir a nova versão do livro do Pierre Boulle, *Planeta dos Macacos*, tornada clássica no

cinema em 1968, num filme de Franklin J. Shaffner e uma interpretação carismática do

Charlton Heston e aquele final antológico.

Para começo de conversa o novo filme não é uma continuação e muito menos uma refilmagem. É uma outra interpretação da história baseado no livro, ainda que também assuma uma liberdade de roteiro e enredo bastante grande em relação ao romance original, tal qual o filme de 1968.

Neste novo filme o planeta não é a Terra e o astronauta não é Charlton Heston. E daí? O diretor é Tim Burton. E daí, digo eu. Tim Burton francamente decepciona, o filme é uma sequência exagerada de pancadarias e perseguições. Os macacos deste filme são ainda mais militaristas e trogloditas que os de 1968. O ator que interpreta o "herói" é muito ruim. O sujeito interpreta mal e porcamente seu personagem, não tem carisma algum.

O fato dos humanos falarem entre si e com os macacos, demonstrando um nível de inteligência semelhante aos símios derruba a suposta justificativa de uma superioridade dos macacos em escravizar os humanos. Ainda mais quando eles são a maioria populacional esmagadora deste planeta. Perdeu-se a chance de

uma conexão mais sofisticada entre duas raças inteligentes de primatas, seria realmente interessante se essa vertente fosse adotada. Mas uma escravização com humanos inteligentes e comunicativos de forma ainda mais violenta que o filme original ficou ridículo e inverossímil.

A única presença de Tim Burton na condução do filme é a fotografia escura, as construções neogóticas e um certo desamparo do personagem principal, não entendo bulhufas do que fazia ali e nem do porque dos humanos serem tratados daquela maneira.

Os macacos também são retratados de uma maneira pouco trabalhada. Preferiu-se repetir a fórmula de 1968. Como disse, o mais interessante seria uma interação mais comunicativa e política com os humanos. E não urros, saltos em galhos e porradas a dar com pau.

A personagem da ótima atriz Helena Bonhan-Carter é constrangedor. A dondoca filhinha de um senador, mal consegue disfarçar seu desejo sexual pelo herói do espaço. Mal ele aparece e ela já se achega a ele, adotando-o. E o sujeito ainda hesita, não ficando com a loira gostosona que

fica o filme inteiro dando a maior bola para ele.

Alguns dirão que este filme tentou dar uma roupagem atual à história. Que ela ficou "datada" (êta palavrinha fácil, e mal empregada), pois seu contexto era a Guerra Fria e a ameaça nuclear. Nem tanto, pois se não temos mais o bipolarismo ideológico, temos um perigoso vácuo ideológico, uma única superpotência militar em confronto não aberto com potências regionais poderosas e não controladas democraticamente, e também, e geralmente isso é subestimado, todos os arsenais nucleares continuam por aí, isso sem falar em contrabandos para grupos terroristas. Enfim, a questão pode estar datada naquele contexto, mas o assunto não está encerrado.

E, como disse, se tentou "atualizar", atualizou como? Dá forma mais rasteira e superficial possível. Nem ao menos colocou em debate (se a idéia era essa) questões candentes do mundo contemporâneo de hoje, tais como o meio-ambiente, a luta pelos direitos humanos e questão da

democracia. Tanto que o Estado símio é mais militaresco e ditatorial ainda do que o de 1968. Por sinal, porque os macacos seriam assim tão trogloditas e politicamente primitivos? Isso não é uma forma de preconceito?

Alguns dirão que o cenário é fantástico, que as maquiagens são soberbas. Isso é tão óbvio que não é preciso ser ressaltado. O único que merece os parabéns pelo trabalho e deve vencer um Oscar é o genial Rick Baker.

Não ia comentar o final, mas ele tem suscitado interpretações diferentes. Ao que parece o pessoal não entendeu direito como o filme acabou. Talvez a dubiedade seja proposital, pois percebe-se claramente que o filme não acabou, que ele pede uma continuação.

Enfim, o filme decepciona. Sua única justificativa foi financeira. Serviu para encher os cofres da Fox e tornar felizes uma nova geração de descerebrados que acompanham acriticamente o cinema hollywoodiano.

Conto

O Vingador

de André Carneiro

Ele era jovem e corajoso. Guardava e lia os velhos Gibis dos Super-Herois, herança colecionada pelo pai, já falecido. Sua ânsia de vingança surgiu naquela noite do desastre. Ele e sua bela e jovem esposa voltavam para casa, vindos de uma festa nos arredores da grande São Paulo. A avenida deserta talvez o fizesse correr mais do que o normal. Um grande buraco não sinalizado o surpreendeu em uma curva. O carro inclinou-se, derrapou sem controle, foi bater em um muro à sua direita. Ele perdeu os sentidos e quando o recuperou, no meio da lataria desmantelada viu, desesperado, que sua esposa estava toda ensanguentada e desmaiada. Tentou reanima-la, sem resultados. Não via ninguém na rua deserta, cercada de intermináveis muros de algumas fábricas. Nem o barulho do desastre fora ouvido por alguém distante. Avistou um orelhão, a poucos metros. Ele respirou, aliviado. Era a salvação. Cambaleando, apoiou-se no muro, foi lentamente até lá, para chamar

uma ambulância. Chegando, um horror de ódio e desespero marcou a sua face. O fone tinha sido arrancado, os fios cortados, pedaços pelo chão. Saiu chorando, os olhos mal enxergando no meio das lágrimas. Conseguiu se arrastar aos poucos, mais de um quarteirão, em busca de uma casa e de socorro, mas suas forças acabaram, desmaiou na calçada. Acordou em um hospital e logo lhe deram a notícia. Ele e ela ficaram muito tempo sem socorro, só foram avistados quando o dia amanhecera. Fosse cuidada logo, sua esposa sobreviveria, mas o tempo a matara pelo acúmulo de sangue perdido. Ele recuperou-se e uma obsessão o invadiu, desde aquele dia. Odiava os anônimos depredadores de telefones públicos. Visitou a Telefônica muitas vezes, e na Polícia descobriu que eram destruídos as vezes dezenas de orelhões por dia, pouquíssimos autores eram presos, quase a total maioria logo libertada por falta de provas, havia garotões filhos de gente rica ou influente que procurava os

delegados com cartas de recomendação de importantes políticos. Os culpados eram soltos depois de um sermão do delegado, ouvido com sorrisos irônicos. Ele vibrava de ódio por dentro, queria ser um Vingador como os das histórias em quadrinhos. Levava no bolso uma foto de um orelhão quebrado, triste imagem da irresponsabilidade gratuita. Embora se sentisse ridículo, pretendia imprimí-la no peito de uma camiseta para não esquecer jamais o assassinato de sua mulher. O Vingador era um apelido que ele desejava, embora se sentisse perdido pela falta de alvos, os assassinos anônimos. Mas a sua luta, que consistia nas mais exaustivas pesquisas tomava a maior parte do seu tempo. Por vários meios, conseguia informações sobre orelhões depredados, antes de qualquer um. A polícia chegara a conclusão, depois de várias coincidências, que havia alguém, talvez uma gang, que depredava diabolicamente e sistematicamente aquele serviço público. O Vingador foi mais além. Pelos seus apontamentos, percebeu que havia uma seqüência, quarteirão por quarteirão de um bairro. Começou a compilar uma particular estatística, anotando cada orelhão depredado nos mapas que comprara. Descobriu que havia

um procedimento, um método, seguido pelos bandidos. Eles destruíam segundo um plano, era talvez possível prever qual orelhão seria o próximo. O Vingador ficou exultante com a sua descoberta. Seu primeiro impulso foi telefonar para a polícia. Deu um nome falso, inventou que era um ex-executivo da Telefônica, para justificar seu interesse e apontou dois ou três orelhões que seriam os próximos a serem destruídos. O policial que o atendeu estava desatento e desinteressado. Alegou que a polícia tinha assuntos mais importantes para cuidar do que deixar viaturas perto dos orelhões citados, para prevenir o ataque. O Vingador desligou seu telefone com uma frase ofensiva. Ele suspeitava de que não lhe iriam dar atenção. Um orelhão foi destruído naquele mesmo dia e ele sabia qual, com antecedência. Confirmava-se a sua previsão. O Vingador agora podia, com certeza, apontar qual o próximo. Seria em um bairro rico, com mansões ocultas por altos muros, longe de qualquer comércio, lugares que ficavam desertos logo ao anoitecer, os moradores só se locomoviam em carros estrangeiros sofisticados. Com seus mapas anotados e marcados com várias cores, o Vingador estremeceu de emoção e ódio. Fazendo o caminho inverso das

destruições, chegara até o orelhão que matara sua esposa amada. Não havia engano. Agora poderia chegar até o assassino, um tipo de "serial killer" americano, pois tinha certeza qual orelhão seria a próxima vítima. Pensou em romper seu anonimato, ir até a polícia, levar seus mapas, provar que não estava adivinhando, ele diria o lugar onde os bandidos atacariam. Chegou a telefonar para a delegacia do bairro chique. O delegado não estava, nem seu assistente, um carcereiro simples e ignorante informou não saber quando o delegado o atenderia, talvez no dia seguinte. O dia seguinte seria muito tarde. Era hoje, ao redor da meia noite que os matadores da sua esposa iriam agir. Desligou e o carcereiro nem sequer entendera qual era a sua reclamação. O Vingador testou seu carro, colocou gasolina, depois ficou olhando a própria imagem, talvez inconscientemente misturada com a dos Super-Herois e de outros vingadores solitários da sua adolescência. Os bandidos atacavam depois da meia noite, mas, as onze horas o Vingador estudava o terreno, o orelhão ficava em baixo de uma árvore copada, era pouco visível de longe. Deu várias voltas pelo quarteirão, observou cada casa, até os latidos dos cães de guarda, quando passava muito próximo dos muros

altos das casas ocultas pelos jardins. No bolso direito levava um revolver calibre 22. A bala fina e perfurante só causava a morte se atingisse órgãos vitais. Seu cano era extremamente longo, devido ao silenciador. Seus tiros pareciam um fraco som abafado, passavam despercebidos. O Vingador caminhava segurando a sua Beretta calibre 22 com silenciador. O cabo estava morno pelo calor de sua palma. Doze horas e meia. Colocou-se atrás de uma árvore de tronco grosso, do outro lado da rua. Dalí tinha uma ampla visão dos dois lados. Em uma hora de espera, apenas dois automóveis passaram e um só transeunte. A vítima inocente, debaixo da sua cobertura ovalada, estava completamente a mercê dos assassinos. O Vingador tremia de emoção, olhando ao redor. Ruídos longínquos faziam sobressaltá-lo, retirava outra vez o revolver do coldre, tomava a guarda-lo quando tudo se aquietava. Consultava o relógio seguidamente. Agora já passava de 13 horas. Pela primeira vez ele teve receio de estar enganado, aquele não seria o orelhão, ele perderia a noite ali, sozinho, enquanto os bandidos estariam destruindo em outro local. Passou em revista, mentalmente, todos os seus cálculos e deduções. Não, não estava enganado, só tinha de

esperar, os assassinos da sua mulher estavam para chegar. Exatamente as quinze para as 14 horas, um carro se aproximava, devagar, vindo da esquerda. Ele tirou o revolver e escondeu-se mais atrás do tronco. O carro parou alguns metros além do orelhão. Com o coração batendo ele esperou. Daí a meio minuto, o carro partiu, lentamente, virando na esquina. Teriam visto alguma coisa, teriam desistido? Não, impossível, nada havia para que ficassem desconfiados. O carro do Vingador estava longe, quase fora da visão de quem passava. Deduziu que eles investigavam o bairro, as ruas próximas, iam voltar, tinham de voltar. Enquanto esses pensamentos turbilhonavam na sua cabeça, ele ouviu o ruído suave do carro voltando devagar, do mesmo lado de antes. O carro parou poucos metros distante do orelhão. Dois jovens desceram. Limpos, bem vestidos, filhos de classe média com dinheiro, o carro novo brilhando. Bem junto ao orelhão, a lâmpada da rua iluminava o suficiente. Já se podia ver o rosto dos dois e nem se preocupou de que pudesse ser visto. Estava vestido de preto, tinha testado o local onde se escondera, mesmo com o corpo todo a mostra, não seria visto. O mais alto dos depredadores, talvez com vinte e poucos anos, trazia na

mão direita um pequeno machado com um martelo do outro lado da lâmina. Era o instrumento imbecil para destruir telefones e a vida das pessoas que dele necessitassem com urgência. O Vingador esperou, também esperavam os dois meliantes. Eram espertos, agiam com método, na sua faina destruidora. O Vingador, imóvel, apenas colocou um quarto do rosto para fora, observando. O mais alto com a machadinha, deu o primeiro golpe. O revolver calibre 22 estava apontado. Com um riso alto, o da machadinha pegou o fone separado do fio e o jogou para o companheiro, distante apenas um metro do orelhão. Ambos riam, bem juntos e mais três golpes fortes deviam estar destruindo o telefone. O Vingador aproximou-se com o revolver apontado, estava já a três metros de distância, quando foi visto. Ambos os destruidores ficaram um instante estatelados, sem saber o que fazer. O mais alto levantou a sua machadinha. O Vingador disse com uma voz seca: -Parados, ou morrem. O mais baixo fez um gesto, como quem iria correr. O Vingador abaixou a arma e atirou. Fazia meses que treinava em uma Academia de Tiro. Destruía o centro de um alvo a dez metros de distância. Acertou no joelho e fora ali mesmo que apontara. O destruidor tombou no

chão gemendo. O mais alto deslocou o braço um pouco para trás, certamente iria atirar a machadinha. O Vingador apontou com calma, o tiro atingiu o cotovelo, o homem gritou, a machadinha caiu para trás, ele colocou uma perna para a frente, ia correr. O próximo tiro o atingiu no tornozelo, ele caiu imediatamente, seu grito se misturava agora com os gemidos do companheiro. Ambos no chão, o mais alto gritava " Maldito, maldito, você vai morrer, vamos acabar com a sua vida..." O Vingador, bem de perto, apontou com cuidado e atirou de novo, duas vezes. Uma bala perfurou de novo um joelho, a segunda bala entrou no mesmo local, no joelho do outro. Eles agora pareciam aterrorizados. Gritavam: "Não, não, chega, por favor, chega, chama um médico, uma ambulância, pelo amor de Deus..." O Vingador, sempre com a arma apontada, respondeu: - Vocês mataram a minha mulher. Fui telefonar, vocês tinham quebrado

o telefone. Os dois pararam de gemer, os olhos arregalados de pavor. O Vingador atirou mais duas vezes, cada bala 22 na perna de cada um. Falou bem alto: - Vocês podem morrer ai, como morreu a minha mulher. Mas é muito fácil. É só telefonar para um socorro, não precisa nem de ficha, é só telefonar, chega uma ambulância e vocês estão salvos. O mais baixo ainda tinha na mão direita o fone arrancado. O Vingador apontou: "veja, o fone está ai, é só ligar, a ambulância chega logo, vocês estão salvos..." A rua continuava quieta e solitária. O Vingador foi se retirando de costas, devagar. O mais baixo, com o fone arrancado na mão direita, gritava, entre soluços: "Pelo amor de Deus, chame um médico, um socorro!" O Vingador, já bem distante, gritou: É só usar o telefone, é só usar o telefone e vocês serão salvos, serão salvos, não vão morrer como minha mulher morreu..." Um rio de sangue corria pela sarjeta, sem parar.

Publicações

Megalon 62

A 62a edição do *Megalon* será lançada durante o mês de setembro com as seguintes atrações: Ilustração de capa de Edgar Franco, baseada no conto de horror "Eu Amo Minha Mulher", de Carlos Orsi Martinho (vencedor do Concurso internacional "Turno da Noite"), publicado em primeira mão nesta edição. Editorial sobre o impacto das duas novas revistas mensais de contos sobre a FCB. Noticiário nacional e internacional, destacando o evento de entrega do Prêmio SBAF 2001 e um obituário especial sobre Poul Anderson, além dos vencedores dos prêmios Locus, Bram Stoker e Hugo. Comentários de publicações recebidas do Brasil e do exterior.

Além do conto premiado do Martinho, mais dois inéditos: "Os Replicadores", de Jorge Luiz Calife, uma homenagem à série *Espaço 1999*, e "Lamentações de Jeremias", de Lúcio Manfredi, uma space opera humorística e satírica.

Entrevista com a escritora Carla Cristina Pereira, concorrente ao

Sidewise Awards, o principal prêmio mundial de história alternativa. Ensaio de Roberto de Sousa Causo, "Fissura em Coração de Acrílico".

Coluna de Gerson Lodi-Ribeiro, "Terras Alternativas", chegando à sua 30a. edição, enfocando as histórias pseudo-factuais modernas. Coluna de Cesar Silva com um polêmico texto sobre a importância e razão de ser dos fanzines em meio à era da internet. Duas páginas de cartas dos leitores e ilustração de capa em preto&branco, do desenhista Marc, fechando a edição. O *Megalon* 62 é copiado em xerox, tem formato A4 e 40 páginas.

Para adquirir este exemplar o valor é R\$ 4,50. Para uma assinatura anual de quatro números, o valor é R\$ 17,00.

Não perca tempo! A tiragem é limitada.

Envie um cheque em nome de Marcello Simão Branco para a Avenida Clara Mantelli, 110 - CEP 04771-180 - São Paulo, SP.

Sociais

A Reunião de Agosto na *Comix*

segundo o *outsider* André Kenji

.A palestra ["O Projeto Intempol" com Octávio Aragão] foi bem interessante, pena que com poucas pessoas (e, em especial, mulheres...) Mas os poucos que estavam eram pessoas ótimas!

.O Debate foi mais legal ainda, ainda mais porque todo mundo fugia do tema...

.Fúria feminina: apareceu uma nada contente namorada de alguém lá. E claro, a Exma. Sra. Octavio Aragão nervosa no telefone...

.E oh, sim, depois fomos comer pizza em algum lugar [no *Presto Pizzas*, é claro]. Muito gostoso.

.Curiosamente, ficaram o tempo

todo falando mal dum monte de gente. E não era nem do ACM nem do Roberto Marinho. [Kenji obviamente não conhece nosso mais notório batalhador, aquele "que está sempre errado"]

.Me senti meio perdido como o cara mais jovem no meio daquele monte de veteranos... [Pois é...]

.Todo o pessoal é *muito* legal. Um pessoal maduro e divertido, com uma visão geral e ampla das coisas sem cair na bitolação ou na fanboyolice. Não tinha nada que chegasse a ser "nerdoso". O Octávio Aragão se mostrou uma figuraça. O Martinho se mostrou um cara muito legal e inteligente também. Ele nem se parece com um jundiaense!

Próxima Reunião

A reunião de setembro será no sábado, dia 29, na R. José Paulino 7, junto ao metrô Luz, a partir das 15:00 hs, ocasião reservada para a

assembléia anual ordinária do CLFC.

Às 20:00 hs teremos a Noite da

Pizza no *Presto Pizzas*, R. Esmeralda, 39 - Aclimação.

Nossos Aniversariantes

Data CLFC No.

Setembro

1	122	Oscar Christiano Kern
1	49	Rosa Maria Gonçalves
1	380	Rudyard Canesin Leão
2	44	Braulio Tavares
7	384	Francisco Batista Assumpção Jr
11	169	Martha Argel
14	266	Renato Zamora Flores
15	394	Osiris Wagner Pezzuol
15	437	Renato Pirani Ghilardi
17	224	Ataide Tartari
18	461	Fabio Madrigal Barreto
21	422	Marcus Vinicius Gasques
22	365	Antonio Carlos Ramos Santos
22	458	Ada Araujo Chivers
23	215	Francisco Rubens de Jesus
26	462	Eduardo Oikawa Lopes
28	426	Roberval Barcellos

Outubro

5	27	Sérgio Roberto Lins da Costa
11	298	Guilherme C. dos Reis Lima
11	21	Eduardo Arouca de Andrade
15	252	Alexandre Pereira dos Santos
16	459	Luiz Alfredo Baggiotto
18	455	Max Mallmann Souto-Pereira
19	172	Hermison Taylor da Silva
20	102	Marien Calixte
26	24	Maria Angela Calazans Bussoloti
27	148	Henrique Villibor Flory
27	23	Roberto de Sousa Causo
29	84	Luiz Antonio Milani Collino
29	19	Raul Lima de Avellar e Almeida